

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado Class.: 76 X6R

Data: 03.05.81 Pg.: _____

Em Ibirama, madeira coloca índios contra Funai



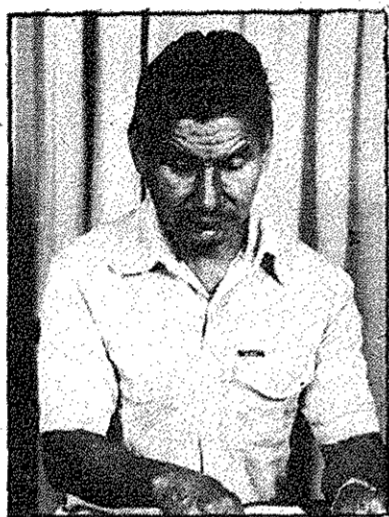
Cacique Antônio Caxias Popó

Rio do Sul — Rebelião. Isto é o que pode acontecer na reserva indígena Duque de Caxias, no município de Ibirama, no Alto Vale do Itajaí, se os problemas ali existentes, em sua maioria causados pela Fundação Nacional do Índio (Funai), não forem sanados. Diversos alertas neste sentido foram feitos pelos principais líderes da comunidade indígena — formada por descendentes das tribos Botocudo, Guarani, Xockleng e Caingües — à Funai.

O maior problema enfrentado pelos índios atualmente está relacionado à retirada de madeira — abundante na área, especialmente dos tipos canela, imbuia e peroba. O mais revoltado é o cacique Antônio Caxias Popó, que mostrou uma comunicação de serviço expedida pela Funai, que autoriza a extração de 100 metros cúbicos de madeira da reserva. De acordo com o documento, ele próprio e o cacique Olímpio Vaitcha Priprá teriam concordado com a negociação, feita através de um edital de concorrência.

A comunicação de serviço, expedida pela Quarta Delegacia Regional da Funai, determina que fossem designados dois servidores e um auxiliar de técnico em agricultura para, sob a assistência dos dois caciques, cooperarem na Comissão de Alienação de 100m³ de madeira. O documento resolve ainda pelo levantamento do preço médio regional da madeira, "determinar a alienação ao processo estritamente dentro das normas internas da Funai e de acordo com os documentos aqui citados", e que o prazo de venda seria de 15 dias, e o de retirada de 30 dias.

Segundo Antônio Popó "é tudo mentira da Funai", porque no documento estão apenas os nomes dos dois caciques, sendo que eles nada assina-



Capitão Aimar Kham-Ram

ram. Ele diz ainda que, enquanto os índios vendem a madeira a Cr\$ 6 mil ao metro cúbico, a Funai o faz apenas por Cr\$ 1 mil e 700. Como a Funai proibiu a venda por parte dos índios, Popó propõe que "eles vendam a madeira para a nossa tribo a esse preço e nós a revenderemos por três vezes mais". A questão se agrava porque, além de comercializar a madeira, a Funai não está cumprindo com as exigências mínimas no tratamento dos indígenas: "nada vemos do dinheiro e, ainda mais, a comida que nos dão para a sobrevivência é podre".

SEM PLANTAR

Outro líder que está muito revoltado é o capitão da reserva, Aimar Kham-Ram, mais conhecido na região como "Nezinho", que denuncia que além de tirar a liberdade dos selvícolas, civilizandoo, a Funai proíbe os legítimos proprietários das terras de utilizarem suas riquezas naturais —

direito garantido pelo Estatuto dos índios, que, no capítulo 2, artigo 22, que diz que "cabê aos índios ou selvícolas a posse permanente das terras que habitam e o direito ao usufruto exclusivo das riquezas naturais e de todas as utilizadas naquelas terras existentes".

"Nezinho" diz ainda que as famílias nem podem derrubar a madeira para fazer suas roças, tirando daí a plantação para o seu sustento. "Somos mais de 400 famílias, e muitas delas estão passando fome porque a alimentação que a Fundação Nacional do Índio nos dá está estragada, como é o caso do trigo, que já vem azedo". Ele diz que "o que nós queremos é viver em condições de dignidade", porque, "se formos civilizados, temos pelo menos o direito a nossa sobrevivência, caso contrário acabaremos sucum-



Olímpio Severino Nunforo

bindo e terminaremos mortos, porque em nosso sangue jorra o sangue de nossos antepassados. Eles foram guerreiros, iam à caça e à pesca, viviam no que era seu, com amor, com o nosso deus, nossos rituais, e eram um povo feliz. Agora, somos muitas famílias sofridas".

DOCUMENTO

Aimar Kham-Ram mostra ainda um documento expedido no ano de 1952, que dá direito à posse e limita as terras dos índios botocudos. Ele acusa a Funai de "mentirosa", dizendo que aquele órgão "só faz promessas", nada resolvendo quanto aos problemas da raça.

Por sua vez, Olímpio Severino Nunforo, que pertence ao conselho da reserva, muito revoltado, chega a tremer de raiva quando fala dos problemas dos índios. Diz que há mais de 13 anos seu povo vive em "triste agonia, sempre explorado", e afirma que agora a situação ficou inaceitável. O conselho elaborou um plano, que vem sendo estudado desde novembro do ano passado. Segundo Nunforo, "os homens do Governo prometeram que apareceriam para solucionar o problema e, no entanto, até agora nada foi resolvido, e não sei o que poderá acontecer daqui para a frente, porque, na penúria em que vivemos, não podemos suportar as pressões de outras famílias, podendo até haver uma rebelião na reserva".

Percebe-se que os índios não entendem porque a Funai, criada para proteger os índios, fica longe deles. "Desse jeito nós vamos perecer", dizem. Muitos índios já saíram da reserva e vivem em condições precárias nas cidades vizinhas, trabalhando em indústrias ou mesmo na agricultura. A reserva possui apenas uma escola e a assistência médica é deficiente.